

A MAKHNOVTCHINA E O ANTISSEMITISMO

Nestor Makhno

Nos últimos sete anos, quase todos os inimigos do movimento revolucionário makhnovista se revoltaram com tantas mentiras que não se pode admirar se essas pessoas não tenham um rosto vermelho, de vez em quando, pelo menos. É bastante aconselhável que essas mentiras sem vergonha dirigidas contra mim e aos insurgentes makhnovistas, de fato, contra nosso movimento como um todo, podem ser unidas dos campos sociais tão diferentes: entre eles, podem encontrar-se jornalistas, os escritores, os discípulos e os homens que colocam obstáculos em seus caminhos, *mavericks*¹ e especuladores, que nem hesitam em colocar as coisas na sua frente como pesquisadores de ideias revolucionárias de vanguarda. Pode-se também chegar a uma cruz, supostamente anarquistas, como Yanovsky, do *Freie Arbeiter Stimme*.

Todas essas pessoas, pessoas de todas as persuasões e de todos os lugares, não tem vergonha de empregar mentiras contra nós, sem nos conhecer, às vezes sem qualquer crença real, em suas próprias alegações. Tais mentiras são arredondadas aos poucos, que consiste em eternizar e sempre pôr nos trilhos, sem qualquer tentativa de verificação dos fundamentos.

Na verdade, onde estão os motivos prováveis para justificar esta histeria no grau mais leve? Há pouco tempo, todas essas mentiras de face nua contra nós, makhnovistas, alegavam que éramos pogromistas², sem oferecer um pedaço de evidência ou qualquer tipo de autenticação, me levaram a dirigir-me aos judeus do mundo através dos bons ofícios dos franceses e da imprensa libertária russa, para pedir-lhes que especifiquem as fontes de todos esses absurdos, de modo a fornecer detalhes específicos sobre os pogroms, incitamento ou instigação de pogroms realizados ou lançados pelo movimento revolucionário dos trabalhadores ucranianos liderados por mim.

O conhecido clube parisiense do "Faubourg" estava sozinho ao responder ao meu "*Apelo aos judeus de todos os países*". Através da imprensa, os gestores do clube deixaram de saber que, numa reunião de 23 de junho de 1927, viria a seguinte pergunta para o debate: "Era o General Makhno amigo dos judeus ou ele participou do

¹ *Maverick* seria uma pessoa que pensa e age de forma independente, muitas vezes se comporta de maneira diferente da maneira esperada ou usual, mas também significa um independente político. N.T.

² "Pogrom" significa ataque violento contra judeus e sinagogas, assim como outras minorias étnicas da Europa. A palavra tornou-se conhecida após a onda que varreu o sul da Rússia entre 1881 e 1884, e na Revolução Russa de 1917. N.T.

massacre?" Foi acrescentado que nosso camarada francês Lecoin falaria em defesa de Makhno.

Não é preciso dizer que, assim que eu soube da realização deste debate do "Faubourg", imediatamente me aproximei do presidente do clube, Poldes, pedindo-lhe por carta que, Lecoin fosse retirado e que fosse oferecida a oportunidade de dirigir-me ao clube no meu próprio nome. Após uma resposta positiva, apareci no clube em 23 de junho de 1927.

No entanto, a maneira particular em que os debates foram conduzidos nesse clube e o fato de que a questão da preocupação em relação a mim foi tratada, apenas no final do processo significou que eu só conseguia me fazer ouvir muito mais tarde, às 23:00, e não consegui entrar no assunto completamente. O melhor que consegui foi abordar o assunto ao lidar com a natureza histórica, as fontes e os padrões do antissemitismo na Ucrânia.

Talvez meus inimigos façam capital desse fator que estava além do meu controle e, acima de tudo, o fato de eu estar atado, mãos e pés, nele. Na verdade, de acordo com as regulamentações da polícia francesa, fiquei proibido de me comunicar com meus colegas franceses que tinham ideias semelhantes: como resultado, não havia nenhuma maneira de eu ter organizado uma reunião pública para reconsiderar minha refutação sobre essas calúnias.

Além disso, algumas pessoas mentiram e falaram sobre o fato de ter sido "tentado" em Paris. Esta é apenas outra mentira, que foi levada por meus inimigos, defensores hipócritas dos direitos e da independência dos judeus, que sofreram tanto nos últimos trinta anos na Rússia e na Ucrânia.

Os fatos podem ser enquadrados em qualquer grau nessas mentiras? Todos os trabalhadores judeus da Ucrânia, bem como todos os outros trabalhadores ucranianos, estão conscientes de que o movimento a qual eu era parte há anos, líder de um verdadeiro movimento revolucionário dos trabalhadores. Em nenhum momento esse movimento procurou dividir a organização prática dos trabalhadores enganados, explorados e oprimidos por motivos de raça. Muito pelo contrário, visava uni-los em uma poderosa união revolucionária capaz de agir contra seus opressores, especialmente contra os denikinistas que eram antissemitas, de lã tingida. Em nenhum momento, o movimento tornou a sua preocupação em realizar pogroms contra judeus, nem incentivou nenhum. Além disso, a vanguarda do movimento revolucionário da Ucrânia (Makhnovista) continha muitos soldados judeus. O regimento de infantaria de Gulyai-

Polye, por exemplo, tinha uma companhia composta exclusivamente de duzentos soldados judeus. Havia também uma bateria de artilharia de quatro peças, cujos artilheiros e unidade de defesa eram todos judeus, incluindo o comandante. E havia muitos soldados judeus no movimento Makhnovista que, por razões pessoais, preferia misturar-se com unidades de luta revolucionárias misturadas. Todos eram lutadores livres, recrutas voluntários que lutaram honestamente em prol dos empreendimentos conjuntos dos trabalhadores. Esses lutadores anônimos tiveram seus representantes dentro dos corpos econômicos revinculados ao exército. Tudo que pode ser verificado com as colônias e aldeias judaicas na região de Gulyai-Polye.

Todos esses insurgentes judeus estavam sob meu comando por um longo período, não por dias ou meses, mas sim por anos inteiros. Todos foram testemunhas da maneira como eu, o povo e o exército inteiro nos conduzimos em relação ao antissemitismo e aos pogroms que surgiram.

Toda tentativa de pogrom ou saque do nosso lado foi eliminado. Todos os culpados de tais atos foram invariavelmente retirados de circulação por suas faltas. Foi o caso, por exemplo, em maio de 1919, quando alguns insurgentes camponeses de Novo-Uspenovka, ao deixarem a linha de frente para darem algum descanso da retaguarda, encontraram dois cadáveres em decomposição perto de um assentamento judeu: supondo que estes eram os cadáveres de insurgentes assassinados por membros da colônia judaica, eles expressaram sua raiva na colônia e mataram cerca de trinta de seus habitantes. No mesmo dia, minha equipe enviou uma comissão de inquérito à colônia. Descobriu as pistas dos perpetradores da chacina. Imediatamente enviei um destacamento especial para a aldeia para prendê-los. Os responsáveis pelo ataque à colônia judaica, a saber, seis indivíduos, um deles comissário do distrito bolchevique, foram todos executados em 13 de maio de 1919.

O mesmo aconteceu em julho de 1919, quando eu me encontrei preso entre o fogo cruzado de Denikin e Trotsky - Trotsky prometia a seu Partido que "era melhor que a Ucrânia fosse entregue a Denikin na sua totalidade do que a possibilidade de expansão da Makhnovtchina, permitindo-se levantar" e fui forçado a atravessar a margem direita do Dniepr. Foi quando conheci o famoso Grigoriev, o *ataman*³ da região de Kherson. Enganados pelos rumores inusitados que circularam sobre mim e o movimento insurgente, Grigoriev procurou concluir uma aliança comigo e com meu

³ *Ataman* significa "líder cossaco".

peçoal com o objetivo de travar uma campanha orquestrada contra Denikin e os bolcheviques.

As conversas foram abertas nessas condições, que eu exigi, sendo que dentro de duas semanas, o *ataman* Grigoriev fornecesse o meu peçoal e o Soviet do Exército Revolucionário Insurgente (Makhnovista) da Ucrânia com documentos que comprovassem que todos os relatórios dos pogroms realizados por ele, em duas ou três ocasiões, contra os judeus de Elizavetgrad, não tinham fundamento algum, dado que, com o tempo a prêmio, não consegui autenticá-los por mim mesmo.

Essa condição deu a Grigoriev algo para pensar: então, como bom soldado e estrategista, ele finalmente consentiu. Para me provar que ele não poderia, de modo algum, em ser um pogromista, ele se gabou do fato de que seu séquito incluía um representante ucraniano do Partido Socialista Revolucionário. Então, acusando-me de ter emitido um "Apelo" contra ele, em nome do meu peçoal, na qual ele havia sido denunciado como inimigo da revolução, em sinal de sua boa fé, Grigoriev me apresentou vários representantes políticos que o acompanhavam: Nikolai Kopornitsky (do Partido Revolucionário Socialista Ucraniano), Seliansky (aliás, Gorobets) e Koliuzhny (do Partido Social Democrata da Ucrânia).

Isso aconteceu na época em que eu estava aos arredores de Elizavetgrad com meu destacamento de combate principal. Considerei-me apoiado, como revolucionário, em aproveitar esta oportunidade para verificar por mim mesmo o que o *ataman* Grigoriev poderia ter feito durante a ocupação da cidade. Ao mesmo tempo, alguns agentes negacionistas interceptados me revelaram que, sem o conhecimento dos trabalhadores da região de Kherson, Grigoriev estava se preparando para coordenar seus movimentos juntamente com os quartéis de Denikin resguardando-se para uma campanha orquestrada contra os bolcheviques.

Dos habitantes de Elizavetgrad e das aldeias vizinhas, bem como de alguns partidários das unidades de Grogoriev, aprendi que cada vez que se ocupava a cidade, os judeus eram massacrados. Na sua presença e nas ordens, seus partidários haviam assassinado quase dois mil judeus, incluindo a flor da juventude judaica: muitos membros das organizações anarquistas, bolcheviques e juvenis socialistas.

Alguns deles já foram soltos da prisão, direto para o abate. Ao aprender sobre tudo isso, prontamente declarei Grigoriev, o *ataman* de Kherson - um "Revolucionário Socialista" (sic) - um agente denikinista e um pogromista aberto, diretamente culpado pelas ações de seus partidários contra os judeus. Na reunião de Sentovo, em 27 de julho

de 1919, Grigoriev foi denunciado pelo que ele era e foi executado nesse local para que todos vissem. A execução e as razões para isso foram anunciadas desta forma:

"O pogromista Grigoriev foi executado pelos líderes makhnovistas: Batko Makhno, Semyon Karetnik e Alexis Chubenko. O movimento makhnovista aceita total responsabilidade perante a História por esta ação".

Essa declaração foi endossada pelos membros do Soviet do Exército Insurgente e pelos membros do Partido Socialista Revolucionário, incluindo Nikolai Kopornitsky (NOTA: Os Social-Democratas, Seliansky e Koliuzhny, desapareceram completamente após a execução de Grogoriev).

Esse era o tipo de tratamento que eu sempre reservei para aqueles que haviam realizado pogroms ou estavam empolgados em prepará-los. E os saqueadores também não foram poupados, sejam das fileiras do Exército Insurgente ou fora dele.

Por exemplo, o que aconteceu em agosto de 1920, quando dois destacamentos de tendências nacionalistas petliuristas, sob o comando de Levchenko e Matyansha, cercados por nós, nos enviaram emissários sugerindo que fossem incorporados em nossas fileiras. Eu e o povo os recebemos e concordamos que eles poderiam ser alistados: no entanto, assim que percebemos que os elementos nacionalistas desses destacamentos estavam envolvidos em saquear e havendo um antissemitismo flagrante, nós os expulsamos, na aldeia de Averageski, na Província de Poltava. Poucos dias depois, seu comandante, Matyansha, também foi executado por seu comportamento provocativo na cidade de Zinkov (província de Poltava). Seu destacamento foi despojado de suas armas e a maioria de seus membros demitidos.

Em dezembro de 1920, houve uma repetição dessas histórias com as tropas do Exército Vermelho, quando resistimos com sucesso à ofensiva da cavalaria de Budyenny e fomos determinantes sobre a XI Divisão de seu exército, perto da vila de Petrovo, no distrito de Alexandrovsk, seguido da cavalaria da XIV Divisão, arrastando todo o comando e prisioneiros para a instância mais afastada. Muitos prisioneiros da XI Divisão manifestaram seu interesse em se juntar ao Exército Insurgente para combater contra os comissários políticos autocráticos, conforme assim os descreviam. Enquanto atravessavam a região de Kherson e chegaram à aldeia de Dobrovelitchka, mais da metade da população era judaica, alguns ex-cavaleiros de Budyennyist ou petliurista, comentando dos rumores atuais em suas unidades em relação à hostilidade dos

makhnovistas em relação aos "Yids"⁴, começaram a falar sobre as casas dos aldeões judeus. Logo que isso chamou a atenção dos makhnovistas experientes, todos foram presos e executados no mesmo local.

Assim, ao longo de toda a sua existência, a Makhnovtchina tomou uma linha intransigente sobre o antissemitismo dos pogromistas: isso porque era um movimento revolucionário genuíno na Ucrânia.

Dielo Truda. Nº 30-31, Novembro-Dezembro de 1927, pp. 15-18.

*** Texto extraído de *The Struggle Against the State and other essays* de Nestor Makhno (publicado no *Dielo Truda*), editado por Alexandre Skirda, traduzido para o inglês por Paul Sharkey (publicado pela AK Press); tradução para o português por Pablo Mizraji, ITHA-2017.**

⁴ O termo "Yid" pertence ao dialeto iídiche que significa "judeu", mas usado de forma pejorativa.